

O QUE LEEM OS ADOLESCENTES?: REFLEXÕES SOBRE PREFERÊNCIAS E MOTIVAÇÕES LEITORAS

Ana Paula Sousa Silveira^{1*}, Socrates Costa Bueno¹, Thiago Carpegiani Pontes Pavão¹, Márcio Arthur Moura Machado Pinheiro².

1. Estudante de Iniciação Científica – CNPq do Instituto Federal do Maranhão – IFMA

2. Departamento de Ensino Superior e Tecnológico – IFMA / Orientador

Resumo:

Não são recentes as discussões sobre a leitura na adolescência. A problematização dessa questão é não só um dever, mas necessidade da escola e da sociedade como um todo.

O desinteresse de grande parte dos jovens pelo livro é convertido nos índices e dados sobre analfabetismo funcional, notas baixas em concursos e vestibulares, bem como em problemas de ordem profissional.

Contrariamente a essa imagina, há, porém, aqueles que têm na leitura uma prática cotidiana e corrente.

Assim, essa pesquisa busca detectar as preferências e motivações em relação à leitura de livros dos discentes do Ensino Médio Técnico do Instituto Federal do Maranhão, Campus Zé Doca. A análise dos dados permite afirmar que os participantes da pesquisa, em sua maioria, são motivados a manter leituras, desde que sejam de seu próprio interesse e escolha.

Palavras-chave: Leitura; Motivação; Preferências.

Apoio financeiro: Esta pesquisa possui apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bem como da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA).

Introdução:

Ao longo dos anos, muitas pesquisas sobre leitura têm sido feitas. De modo geral, o foco está no aspecto do desinteresse, da falta do uso contínuo do livro com fins de leitura.

O desinteresse de grande parte dos jovens pelo livro, assim, é convertido em índices e dados sobre analfabetismo funcional, notas baixas em concursos e vestibulares, bem como em problemas de ordem profissional.

As indicações de leitura advindas de cânones literários e clássicos podem não atender às necessidades subjetivas e desejos

dos jovens, o que faz com que se afastem ainda mais, já que as consideram chatas e difíceis (BARBOSA, 2009). Nessa perspectiva, ler é sinônimo de obrigação, de realização de tarefas e deveres escolares. Aliado disso, a falta de motivação, a não oportunização de volumes e espaços que privilegiem essa atividade também influenciam para este cenário. Há, porém, aqueles que tem na leitura uma prática cotidiana e corrente.

Para Tavela (2010), não é verdade o discurso que promulga que jovens leem pouco, pois a todo momento estão em atividades que exigem leitura, como utilizar o computador. O ponto crucial seria, então, que não querem ler aquilo que a escola propõe.

Esse aparente desgosto deve-se também ao fato de como a literatura e as atividades de leitura são apresentadas e exigidas dentro e fora de sala pela escola. Aulas e propostas que primam por análises descontextualizadas, ou com objetivos estritamente gramaticistas não lograrão êxito.

Segundo Gomes (2012), a partir da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, os jovens são os que mais leem entre os brasileiros. Entretanto, tal hábito é deixado de lado com a saída da escola: “[...] se não são obrigados, se não são estimulados, eles param de ler. Ao sair da escola, o jovem perde a ambiência leitora, o grupo de amigos e a convivência com os livros”. (GOMES, 2012, p. 129).

Tal discurso se contrapõe ao que há tempos se afirma: que o jovem não gosta de ler. O jovem, pois, gosta, sim, de ler. Essa leitura, porém, partir dos seus interesses, desejos e subjetividades

Dessa forma, conhecer o comportamento e perfil daqueles que leem traz possibilita a criação de ações efetivas na formação de leitores.

Assim, esta pesquisa busca detectar as preferências e motivação dos adolescentes em relação à leitura de livros, a fim de obter informações para implementação de estratégias de promoção da cultura leitora.

Metodologia:

Esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA / Campus Zé Doca, tendo como público-alvo alunos do Ensino Médio Técnico Integrado, das 3 (três) séries e, por consequência, das 6 (seis) turmas que constituem os Cursos Técnicos em Análises Químicas e Biocombustíveis.

A pesquisa aqui expressa é básica, de cunho quantitativo-qualitativo, enquadrando-se enquanto descritiva e exploratória, tendo em vista o objetivo estabelecido. Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se questionário estrutura com perguntas objetivas e subjetivas. Além dos questionários, foram feitas entrevistas semiestruturadas com alguns dos participantes a fim de aprofundar pontos necessários à compreensão mais ampla sobre as questões contempladas na pesquisa.

Os protocolos necessários à pesquisa foram respeitados. Os objetivos da pesquisa foram divulgados aos alunos e à direção da instituição, tendo em vista a necessidade de liberação do campo e da participação voluntária. Assim, tão logo se obteve autorização de aplicação da pesquisa, os convidados foram informados sobre os procedimentos de coleta de dados, bem como convidados a participarem voluntariamente. Todos que colaboraram enquanto respondentes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão:

As indicações de leitura advindas de cânones literários e clássicos, em geral, não costumam atender às necessidades subjetivas e desejos dos jovens, o que faz com que se afastem ainda mais. Nessa perspectiva, ler é sinônimo de obrigação, de realização de tarefas e deveres escolares. Aliado disso, a falta de motivação, a não oportunização de volumes e espaços que privilegiem essa atividade também influenciam para este cenário existir.

A análise dos questionários, bem como a transcrição e tratamento das entrevistas nos permitem afirmar que a grande maioria dos adolescentes participantes gosta de ler. Apesar disso, fatores como falta de ambiente estimulante, ausência de recursos para aquisição de livros e mesmo pouca oferta de espaços em que se têm esse artefato afetam negativamente esse interesse.

No geral, os livros advêm através do empréstimo de familiares, amigos, professores e até mesmo vizinhos/conhecidos. Os que possuem um acervo mínimo reconhecem a timidez da quantidade, e revelam desejarem

poder obter mais volumes.

Quanto aos gêneros, os romances aparecem na lista de mais lidos, seguidos de *best-sellers* e livros YA (*young adult* – literatura jovem adulta).

Entre os gêneros que figuram na lista de lidos estão, por ordem de aparecimento, HQs, aventuras, ficção científica, policiais, policial e poesia.

Conclusões:

As questões que envolvem os hábitos e práticas de leitura convocam deixam em evidência problemas que estão para além do educacional e que, por isso mesmo, estão imbricados na questão da educação. À vista disso, Yunes (1984, p.53), afirma que no Brasil “o hábito de ler não representa uma tradição e, por isso, a motivação através de técnicas específicas deve ser encarada como um campo de estudo e pesquisa de novas modalidades que visem à aproximação do livro com o leitor”.

Como denotou Freire (1988 apud GADOTTI, 1996), é grande a distância entre o que é lido nas escolas e o mundo das experiências pessoais, o mundo em que todos vivem suas vidas, com experiências personalíssimas. Ao estudante, resta a obrigação de ler calhamaços, ou melhor, decorar mera e simplesmente. A vontade pessoal, os gostos de cada um pouco importa.

Assim, fica evidente que o que vale na leitura, muitas vezes é a vivência do aluno, ou seja, sua escolha de leitura, sua leitura e sua compreensão da leitura não se baseiam em escolhas feitas pelos docentes, mas sim pela sua leitura com relação à sua experiência de vida, a sua relação social, como um indivíduo no mundo.

O incentivo ao hábito de leitura, seja ele qual for – de livros, revistas, jornais, textos virtuais etc. – é um passo para que alguém se torne leitor assíduo. Oliveira (2014, p. 82), salienta que “a literatura não tem de partir dos clássicos”. Para ela, “é preciso partir do que os alunos leem para construir um repertório em comum”, e acrescenta que “depois disso, o segundo passo seria tomar espaço durante as aulas de português para a leitura de textos literários do cânone escolar”.

Desse modo, alguém que se viu atraído pela leitura terá maior propensão a continuar seu percurso de leitor, já que o desperta da vontade de ler já mostra algum potencial de comprometimento enquanto leitor. A partir daí, o professor pode, e deve, passar a direcionar as leituras na perspectiva de oferecer aos alunos o contato com os textos literários

clássicos e de maior elaboração do ponto de vista da Literatura. O trabalho com texto, com língua(gem) precisa tornar o aluno não apenas letrado, mas um leitor apto, crítico e reflexivo.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, B. T. Letramento literário: escolhas de jovens leitores. In: **32a Reunião Anual da ANPED**. Caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações?, 2009. v. único. p. 122- 123.

FREIRE, P. Ler palavras, ler o mundo. In: GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996, p. 453.

GOMES, I. V. Retrospectiva: o acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil. In: FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-livro/Imprensa Oficial, 2012. p. 123-133

OLIVEIRA, G. R. A literatura não tem de partir dos clássicos. **Revista Galileu** - Editora Globo, São Paulo, p. 82, 06 abr. 2014.

TAVELA, M. C. W. **Literatura de massa na formação do leitor literário**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de-massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 26 de mar. de 2017.

YUNES, E. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.